

THEATRO
COLISEU DOS RECREIOS



O poder judicial



Houve um tempo em que, já adiantada a desmoralisação em todas as classes sociaes e em todos os ramos da sua administração, só o poder judicial se conservava immaculado, como um protesto contra a decomposição social e o unico refugio para os que n'outra parte não encontravam justiça.

N'esse tempo o juiz era mal pago; os poderes publicos esqueciam-se d'elle para os proventos pecuniarios e para as mercês; a politica não os contemplava com os seus favores; o chapéo do governo, sob o pseudonymo de suffragio popular, não os roubava ás suas nobres occupações para os associar na parceria de tratadas e transaccões denominada parlamento; n'esse tempo o juiz tinha o entendimento claro e a consciencia limpa; era como a Vestal guardando o fogo sagrado da justiça.

Poressas eras o poder judicial não tinha communicacões telephonicas com a politica, não estava ás ordens d'ella; possuía a independencia filha da sua honestidade, merecia os respeito de todos, chegava a ser indiscutivel, porque não se acreditava que deixasse de exercer a sua elevada missao sem a igualdade que a todos era devida.

Hoje os tempos estão mudados. Os juizes que sabem fazer-se valer travam logo no começo da sua carreira boas relações com a politica e desde este momento é como se vendessem a alma ao diabo. Chovem sobre elles as mercês, inundam-nos os favores, abrem-se-lhes as portas do parlamento, caem-lhes aos pés os altos cargos da administração publica, mas a sua independencia de magistrados fica-lhes agrihoadada pelo pacto politico e nunca mais podem dispor das suas consciencias senão ao sabor das paixões partidarias.

Emquanto antigamente no meio das mais accensas paixões politicas o poder judicial era um anteparo contra a iniquidade dos governos e um freio para o despotismo da policia, hoje tornou-se um excellente auxiliar de uns e de outra. Por mais despotico que seja o modo de ver dos governos, por mais estultas que sejam as delações ou os depoimentos da policia, a sentença do juiz norteia-se pela opinião dos primeiros e pelas affirmacões suspeitas dos ultimos.

D'este triplice accordo entre o governo, o magistrado e o beleguim resulta a mais infames das perseguições, por ser a que se acoberta com a auctoridade da lei. No tempo do denominado despotismo, o poder judicial poz em liberdade muitos dos que o governo mandara encarcerar e por isso este muitas vezes furtava os presos aos processos para que a rectidão dos magistrados não malograsse as vinganças premeditadas. Achavamos preferivel este systema ao que se usa hoje; ao menos o despotismo era franco, encarcerava por sua conta e se não mandava intentar processo era porque se temia da rectidão do juiz.

O liberalismo de hoje conta mais com o poder judicial em bastantes casos e por isso alivia a sua responsabilidade lançando-a sobre o tribunal, que não a engeita nem desmerece a confiança n'elle depositada. Não duvidamos de affirmar que ainda existem excepções, mas factos recentes provam que essas excepções não são tantas que constituam regra geral.

Emquanto os juizes se deixam cegar pela politica, a justiça geme e gemem os presos na cadeia. A inviolabilidade do poder judicial desapareceu com a sua imparcialidade e em vez de se procurar refugio na justiça, só resta fugir d'ella como de um cão damnado, enquanto não chegue um dia em que possamos fazer a devida justiça á propria justiça.

D. PERO.



O SONHO

(A ZILU)

Attendeste á minha supplica,
Dêste peso ao meu pedido,
Feito em verso dolorido
Como um dobre de finados;
Regressaste enfim á Lysia
Inteiro, são, escoreito,
Mas co' o modo contrafeito
De quem passou maus bocados.

Junto ás portas do palacio
Esp'rava a corte em congresso,
P'ra te aclamar no regresso
D'essa faustosa viagem
Ao ver-te tudo exclamou:
— Meu senhor, seja bemvindo!
E tu tornaste sorrindo:
— Viva a bella criadagem.

Depois entraste no quarto
Ditoso, feliz, ufano,
Alegre até ao tutano
Por tão sincero alvoroço;
E, despindo o regio manto,
Pediste ao criado sórnia
Que te trouxesse agua morna
P'ra lavar cara e pescoço.

Em seguida, bem disposto
Por ter pago esse estipendio
A's doutrinas do compendio
De João Felix Pereira,
Mandaste o criado embora,
Pensando com são juizo
Que o mais urgente e preciso
Era a bella rapozeira.

E, tendo a fina camisa
Acabado de despir,
Co' o barrete de dormir
Cingiste o loiro cabello,
Aticaste a lamparina,
P'ra avivar-lhe a debil chamma
E poseste aos pés da cama
Os teus sapatos de ourello.

Então, co'a doce alegria
De quem no quente se apanha,
Entre os lençoes de bretonha
E a farta colcha de pelles,
Espreguicaste-te um pouco
E depois de bocejar,
Começaste a resonar,
Como um burguez dos mais reles

Mas passada meia hora
Foste atacado d'um sonho
Horriavel, negro, medonho,
Que te cobriu de suores;
Viste a hydra abocanhar-te
E tremendo em convulsão,
Quizeste deitar a mão
Ao escudo de teus maiores.

P'ra banca da cabeceira
Estendeste o braço a custo,
Sentindo o suor do susto
Deslizar-se entre as espaldas.
E acordaste de repente,
Pallido, tremulo, mudo,
Tendo na dextra um escudo...
De loiça fina das Caldas!...

PAN.

VIRGINI-MARINI



Feria-se, no Passeio Publico uma mortifera batalha; a sineta convidava os vencidos a retirarem-se com armas e bagagens e um grillo que o sr. Parente deixára de proposito no tecto do colyseu, cantava alegremente a gloria dos vencedores.



A claque das desenvoltas cantoras da operetta italiana, occupava tristemente o posto das suas passadas glorias e o falsette do sr. Poggi resoava ainda pelas quebradas do novo circo.



A luz electrica do sr. Jayme tinha intermittencias e o publico abria os olhos e os ouvidos, mas vendo pouco e ouvindo... nada.



O panno subiu e, disseram-me que se representava o drama de Sardou: *Fernanda*.



Appareceu-nos uma figura distincta que pelo retrato e com a ajuda d'um oculo de vér ao longe reconhecemos ser a celebre actriz italiana *Virgini Marini*.

Uma ou outra vez percebemos esta ou aquella phrase italiana.

Cahi o panno.
Opiniões diversas.



LAGRIMAS

N'um discurso que Zilú
Impingiu ao povo amado,
Foi, de repente, atacado
P'la mais terna sensação;
E espremeu dos olhos bellos
Lagrimas de sympathia,
Que embotejadas trazia
No intimo coração.

Scena tocante! — choraram
Os pimpões do syndicato
O doce pranto mais grato
Que de olhos pôde sair;
T'e o Bazorra, esquecendo
Um sobrinho que inda apita,
Puxou do lenço de chita
E desatou a carpir!

Chorou o caro, o Arrobas,
O que a não rir se apegina,
O sôr Thomaz da Delphina
E o Burnay, do bago rei.
— «E o Zé povinho chorou,
Soltou soluços d'estrondo?»
— Embatuco, e só respondo:
Isso agora é que eu não sei.

Voltou a monarchia das visitas,
Sem luminarias ter a monarchia!...
Isto porque será? Porque hoje em dia
Já patetas não ha, ditos das ditas.

Syndicato dá vivas ao pagode;
Zilú, de enthusiasmo, um viva afina;
E Zé-povinho, o expiatorio bode,
Arrancha dando vivas á Christina.

Zé-povinho, em um macanjo,
Vê, com gosto manifesto,
O retrato d'aquelle anjo
Beijado — D. João VI.

E diz: «aos da tua raça
Só lhes falta o beijo raro!...»
— Zé tem pilhas de graça,
Não lhe parece, meu caro?

A VOLTA A CONVENTO

PARODIA AO DE ZAMACOIS
(Rentr'ouvent)



RAFAEL BORDALLO PINHEIRO - 501100-

Assim puxava o José Calvo Sotelo pelos burros da Califa

Chronica de Cintra



Amigo Antonio Maria.—Cintra deu em droga. Esta é a minha opinião e a do meu amigo Roquete, respeitável pharmacêutico, em cuja botica, sem offensa da pharmacia do Gonçalves, o Latino Coelho passa algumas horas da noite. E digo que deu em droga, porque os costumes estão mudados. Já se não vae passear em burros para Setiaes, e contemplar o mar do Penedo da Saudade; já se não vae beber agua á Sabuga, e suspirar para os Pisões. Já não existe em Cintra aquella santa paz que a todos unia na contemplação da natureza e na audição das musicas honestas e graves que se tocavam nas noites de Peixe Frito. Cintra está dividida em dois campos—é doloroso dizel-o, como se fossem egypcios e inglezes. Do lado da Estephania é o campo dos Parranas, do lado dos Pisões, o dos Lirós.



Aos Parranas pertencem varias illustrações scientificas e litterarias, poetas, argentarios, empregados publicos, commendadores, ranchos de tias, rebanhos de tios, muitos rapazes pequenos, amas com creanças ao collo, uma colonia moderna, emfim, que saboreia pacatamente a estrada da villa Estephania, uma povoação moderna, sem pergaminhos.



Aos Lirós pertence tudo o que tem em campo azul ou de prata um lagarto rompante, tendo por timbre um gato assanhado.



O que ha de mais raffiné em elegancia, em ar de *grand seigneur*, em luvas de 15 botões, em chapéus á moda das antigas castellãs, em phrases desdenhosas para a republica, em *calurreira*, em essencias finas, passeia á tarde á sombra das arvores dos Pisões, cuja tradição de seculos lhes dá foros de nobreza a que não póde aspirar a Estephania que ainda hontem surgiu do nada.



Entre Parranas e Lirós existe um abysmo. Junto dos grupos pacatos e graves dos Parranas passa o char-a-banc carregado de gente que vem de Lisboa, a tipoia trotadora, o carro luso-americano que vai encher de passageiros as hospedarias burguezas; perto das duquezas, das condessas e dos leões que formam grupos artisticos e chilreantes defronte da Regaleira, passam o *landau* opulento, o *break* governado por um representante da *jeunesse dorée*, o carro guiado pelas mãos aristocraticas da marquezinha, que tem cinco seculos de avós illustres.



Amigo, bem me diz o Roquete que se acabou em Cintra a bella união que reinava no antigo Peixe Frito.

Ha dias houve umas breves treguas na desunião. Foi por occasião das corridas da Granja. Ah! misturaram-se Parranas e Lirós, unindo os seus applausos pelas quedas dos burros. Ah!



os mais distinctos *sport-men* beijaram o chão, não á moda dos antigos cavalleiros desarçonados no torneio, mas virando os pés por cima da cabeça e ficando estendidos a par dos fogosos jumentos. Oxalá que as corridas de burros se repitam, para ainda vermos reinar em Cintra a bella união de outros tempos.



Conversa entre dois veteranos do absolutismo

Não sabes, meu camarada,
O governo fôrma planos
P'ra dar esportula grossa
Da liberdade aos vet'ranos.

— Ouvi rosar n'isso: — agora
Hão de luzir-lhas as pelles!
A fome é cá para nós...
Tão portugueses como elles!

— Por essas feias campanhas
Passamos vida bem má!...
Servimos o rei Miguel?
Pois que outro tínhamos cá?!

— Uns por Pedro, outros por Paulo,
Das vidas davamos cabo...
Mas quem serviria a patria?...
— Ah! torce a porca o rabo!

— Não ouves tocar á missa?...
O sino nos chama á prece...
Vamos ganhar para a alma
Enquanto o corpo padece.

Frei Bólha pregando á sexta-feira

Depois de devorar em certo coio
Um pratalhaz de *beefs* com pimenta,
Sobe frei Bólha a um pulpito saioio
E o dique das asneiras arreventa

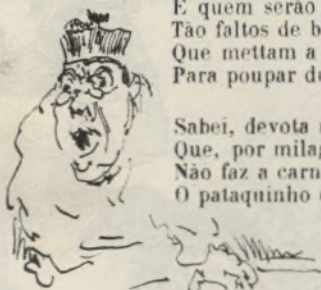
Quem come carne de vacca
Quando a egreja diz — não coma,
De Pedro, que está em Roma,
As entranhas escavaca;

E cae n'essa profundeza
Onde habita o chamuscado!...
Egual a este peccado
Só cantar a Marselheza!

Mas se andas chupado e fraco,
E é mister que um *bcefs* engulas,
Lá tens o maná das bulas:
— Ha-as até de pataco.

E quem serão os patetas
Tão faltos de bom governo,
Que mettam a alma no inferno
Para poupar duas *chêtas*?

Sabei, devota matula,
Que, por milagreira rara,
Não faz a carne mais cara
O pataquinho da bula.



NAS CALDAS



D. Augusto — o Condestavel
Que é irmão do caro mano,
Fez ranchinho co'o Marianno
N'um arroz doce agradável!

Foi nas Caldas da Rainha
Que um e outro em *vis-a-vis*
Descalçando a luva *gris*
Abancaram na cosinha!

Oh! problema... encontrei-te!
No caso pensai oh! povos!
Marianno mechendo os ovos...
Augusto batendo o leite!...

N'isto scismo o dia inteiro!
A coisa ha-de ser fallada!...

Inda eu faço cebolada
Com Zilú... No Arieiro!

EM BELEM



Dizia ha dias Cupido
Que na feira de Belem
Houvera grande arruido
N'um theatro de vintem.

Sabida a coisa, afinal
Quem preparou o *sarilho*
Foi a guarda *municipal*
Commandada p'lo Carrilho!

Este Carrilhó... este Herodes
Decerto perdeu o sizo!
Oh! homem... vê se te podes
Arranjar com mais juizo!

ANPHALROXALLOPMEIRO

A CARTA ADORADA

A proposito da carta de despedida de Freitas Oliveira



Oh carta adorada,
Por mim decorada,
Vaes ser conservada
Qual mimo d'amor.